

Nos 25 Anos da Associação Portuguesa de Linguística: um balanço possível

Ana Maria Brito

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Centro de Linguística da Universidade do Porto

No momento em que a Associação Portuguesa de Linguística comemora 25 anos de existência, é importante fazer um balanço da contribuição que esta associação tem prestado ao avanço e desenvolvimento da Linguística em Portugal.

A Linguística desenvolveu-se tardiamente em Portugal, a partir dos anos 60 do século XX, como resultado do encontro entre a tradição histórica e filológica, os estudos dialectológicos e as novas correntes da Linguística moderna, em particular o Estruturalismo Europeu e a Gramática Generativa. Tal desenvolvimento deu-se à volta das Faculdades de Letras das Universidades de Coimbra, Lisboa e Porto, em particular pela mão de Paiva Boléo, Herculano de Carvalho, Lindley Cintra, Maria Helena Mateus, Malaca Casteleiro, Emília Marques e, um pouco mais tarde, já nos anos 70, Óscar Lopes, entre outros.¹

Nos anos 80 do século XX, a Linguística já estava presente com alguma força nas universidades e em centros de investigação, mas era preciso dar maior visibilidade e maior unidade ao trabalho realizado e sobretudo criar maiores possibilidades de cooperação.

Assim, criada por um grupo de linguistas portugueses, surge em 1984 a Associação Portuguesa de Linguística, a APL, com os seguintes objectivos:

- a) “promover e desenvolver o estudo da Linguística;
- b) fornecer aos seus associados um espaço de debate e possibilidades de cooperação, relativos aos seus interesses em Linguística;
- c) elaborar pareceres e formular sugestões e críticas sobre questões de ensino e de investigação em Linguística.” (Art. 2º dos *Estatutos*).

A natureza e a qualidade das actividades da APL ao longo destes vinte e cinco anos permitem afirmar com convicção que estes objectivos têm sido cumpridos. Com efeito, a APL organizou de forma ininterrupta encontros anuais, publicou também de

¹ Para um breve enquadramento do desenvolvimento da Linguística em Portugal ver, entre outros, Adragão, J. V. (neste volume), Mateus & Villalva (2006) e Brito, A. M. (1999).

forma ininterrupta as actas desses encontros e, a partir de 2005, os textos seleccionados; tornou acessível *online* a partir de 2008 todos esses textos; e organizou ou apoiou diversos encontros temáticos, nacionais e internacionais. Por tudo isto, a APL tem-se constituído como um importante fórum de encontro e discussão entre os seus sócios e os linguistas em geral, contribuindo decisivamente para um melhor conhecimento da natureza da linguagem e das línguas, em particular, do português.

Além disso, a APL tem participado em debates sobre várias questões importantes na sociedade portuguesa, o que foi mais notório nos últimos anos, graças a uma intervenção mais agressiva das suas direcções. Refiro-me, em particular, ao papel desempenhado por vários membros das direcções da APL na discussão da TLEBS, que veio a culminar com a publicação do *Dicionário Terminológico para os Ensinos Básico e Secundário*; a discussão dos novos programas de língua portuguesa para o Ensino Básico; a discussão do Acordo Ortográfico, tendo a APL, entre outras medidas, apresentado um parecer por ocasião da Audição Parlamentar de 7 de Abril de 2008 na Assembleia da República, a pedido do Instituto Camões; e, finalmente, já neste mandato, a APL tomou posição, junto da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, sobre a última avaliação dos centros de investigação em Linguística.

Desde o início da sua existência, uma das preocupações da APL foi o estabelecimento de contactos com linguistas e investigadores dos países de língua oficial portuguesa. Cito a este propósito as palavras de Maria Helena Mateus na abertura do *1º Encontro de Linguistas Portugueses*, em 1984: “Embora este Encontro seja de Linguistas Portugueses, não queríamos prescindir da presença de representantes de outros países onde também se fala português, pois muitos dos problemas que nos ocupam são comuns.” (*Actas*: 3). Nos últimos anos e sobretudo a partir do *Congresso Internacional sobre o Português*, Lisboa, 1994, e do *Projecto Português Europeu / Português brasileiro*, coordenado por João Peres e Mary Kato, os contactos entre Portugal e o Brasil têm-se acentuado; Moçambique e Cabo Verde têm estado muitas vezes representados nos nossos encontros e, com menor peso, Angola e Guiné.

Igualmente, a APL tem contribuído, na medida das suas possibilidades, para fortalecer a Língua Portuguesa como língua de ciência, como “meta-língua, como língua científica apta ao estudo de si mesma”, para usar as palavras de Ivo de Castro na sua intervenção no Parlamento Português, a 16 de Junho de 2009. De facto, ao ser o maior fórum regular de discussão e de apresentação da investigação sobre o Português em Português, a APL tem provado que a nossa língua está tão apta a ser uma língua de ciência como as línguas de grande circulação no mundo, em particular o Inglês.

Sintetizando, a APL tem cumprido os objectivos a que se propôs há vinte e cinco anos e tem contribuído de forma decisiva para projectar o Português como objecto de conhecimento e como língua de ciência.

De modo a demonstrar a pluralidade de saberes que a APL tem potenciado no âmbito da Linguística e das Ciências da Linguagem em geral, resolvi proceder a um estudo das línguas e áreas presentes em vinte e quatro Encontros da APL (1985-2008), com exclusão de conferências e mesas-redondas.²

Em primeiro lugar, e isso não surpreende, o Português, quer o Português Europeu quer as suas variantes não europeias, isolado ou em comparação com outras línguas, é a língua mais estudada. Mas estão também presentes as Línguas Bantu (6 artigos), os Crioulos de base lexical portuguesa (11 artigos), o Galego (14 artigos), a Língua Gestual (4 artigos).

Mas o que mais me interessou foram as áreas e domínios da Linguística representados nos encontros nacionais da APL. Assim, contabilizei as comunicações apresentadas em várias áreas e subáreas da Linguística, tendo obtido os dados seguintes:

Análise de Texto / Discurso / Estilística:	92
Aquisição da Língua 1 (fonologia, sintaxe e vocabulário):	29
Aquisição de Língua 2 / E (por vezes com implicações pedagógicas):	17
Bilinguismo (quase sempre numa perspectiva sócio e psicolinguística):	5
Dicionários:	33
Ensino da Linguística na Universidade:	1
Fonética: (incluindo questões de percepção e processamento)	
Fonologia:	115
História da Gramática:	46
História da Língua, Linguística Histórica (incluindo Filologia, questões de edições):	67
Léxico: 45 (total)	
- 1ª fase: (vocabulário, questões de relação Léxico / Sintaxe, fraseologias, etc.)	
- 2ª fase: (Léxico e ferramentas informáticas, ligadas à Linguística Computacional)	
Linguística Clínica (estudo de afasias, dislexias, perturbações da linguagem):	12
Linguística Computacional (correctores ortográficos, dicionários electrónicos, síntese da fala, tratamento de corpora):	50
Linguística Forense:	2
Morfologia:	35
Ortografia, História da Ortografia:	9
Política da Língua e da Linguística:	6
Pragmática:	43

² Ver Anexo.

Psicolinguística: 10

Reflexão sobre as partes do discurso: 1

Reflexão sobre o ensino / aprendizagem da Língua Materna: 32 (total)

- análise do contexto escolar, formação de professores, materiais pedagógicos, terminologias: 18

- aquisição, processamento e ensino da leitura e da escrita, incluindo questões de literacia: 14

Relação oral e escrito (geralmente em relação com variação): 4

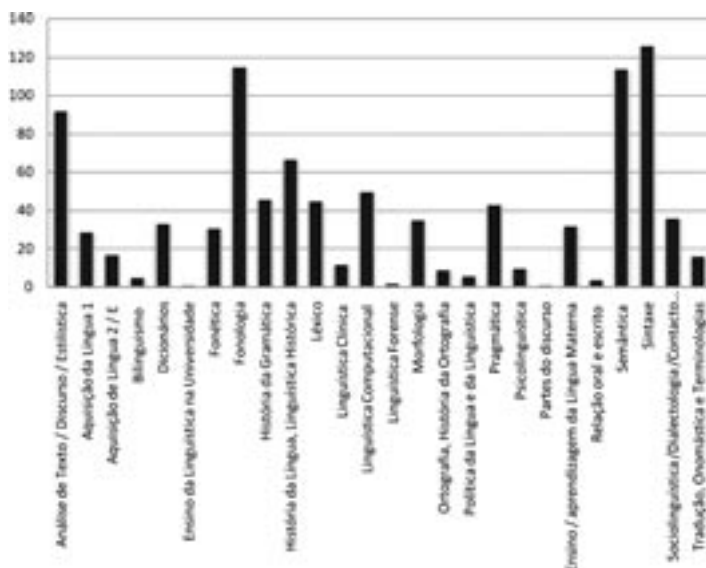
Semântica (sem. lexical e frásica): 114

Sintaxe: 126

Sociolinguística / Dialectologia / Contacto de Línguas: 36

Tradução, Onomástica e Terminologias: 16

Em gráfico:



O estudo permite verificar que as seis áreas mais estudadas nos encontros da APL são as áreas centrais da Linguística e da Gramática (a Sintaxe, a Fonologia, a Semântica (lexical e frásica), a Morfologia), mas também duas áreas que invocam muitos saberes, desde o fonético e o fonológico, ao lexical, ao semântico e ao pragmático: a Análise de Textos e de Discursos e a História da Língua, que, por simplificação, reuni com a Linguística Histórica.

O facto de as duas áreas mais representadas serem a Sintaxe e a Fonologia não surpreende; para tal predomínio contribuem razões conjunturais, teóricas e epistemológicas, e razões mais circunstanciais. A investigação da relação entre a forma

fonética e a interpretação é, com certeza, um dos maiores desafios para o entendimento da natureza da linguagem humana. É conhecida a proposta de Chomsky nos anos 70 e 80 relativamente a esta questão: são as regras da Gramática e em particular da Sintaxe que determinam e relacionam o som e o sentido.³ Não é por acaso, portanto, que a Sintaxe e a Fonologia ocupam um espaço tão significativo na investigação em Portugal e em tantos países onde se faz Linguística. Por outro lado, não podemos esquecer os contributos pessoais de Maria Helena Mateus, Ernesto de Andrade, Jorge Morais Barbosa para a Fonologia Portuguesa e de Malaca Casteleiro e também Maria Helena Mateus para o incremento da Sintaxe, logo no princípio dos anos setenta.

Como mostra o quadro, é a Semântica (lexical e frásica) que ocupa o terceiro lugar nos estudos apresentados nos encontros da APL, posição a que não é alheio o papel desempenhado por Óscar Lopes a partir de meados dos anos setenta na produção linguística nacional. A Semântica surge com vários enquadramentos e perspectivas teóricas, umas vezes concebida como uma componente interpretativa, com interfaces com a Sintaxe, outras vezes com relação forte com a Pragmática, outras vezes concebida como a componente central da gramática. Aliás, há alguns trabalhos enquadrados em modelos teóricos para os quais as fronteiras entre as componentes da Gramática são propositadamente postas em causa, como é o caso da Gramática Cognitiva ou do modelo enunciativo de Culioli.

A Análise de Textos e de Discursos, que propositadamente não distingui de alguns trabalhos que se reclamam de uma perspectiva estilística, assume em geral uma concepção pragmática subjacente, mas incidindo quase sempre em dimensões linguísticas, como o léxico, os conectores, os processos anafóricos, entre outros aspectos.

A História da Língua, a Linguística Histórica e a Filologia ocupam o quinto lugar dos trabalhos nos encontros, posição que mais uma vez não causa admiração, dado o grande prestígio e o relevo dessas áreas, desde há várias décadas, sobretudo nas Universidades de Coimbra e de Lisboa.

Por vezes não foi fácil a classificação dos textos, pois as fronteiras entre áreas da Linguística e da Gramática esbatem-se frequentemente, não apenas em estudos descritivos como também em estudos aplicados.

Esta diluição de fronteiras caracteriza inúmeros trabalhos onde as interfaces entre componentes da Gramática são valorizadas, como é a relação Sintaxe-Fonologia no que diz respeito a temáticas como o foco e a ordem de palavras; ou quando a dimensão da interpretação é articulada com as condições de uso da linguagem; é também muito visível na análise de estruturas argumentais de predicados, onde a relação entre Semântica e Sintaxe é muito forte.

Outras vezes o enfoque é propositadamente interdisciplinar, como nalguns estudos

³ Ver, entre outros textos, Chomsky, N. (1981: cap. 1).

sobre aquisição de língua materna e língua não materna e sobre bilinguismo; neste último caso, quase sempre analisado nas suas condicionantes sociais e psicolinguísticas.

Foi também difícil estabelecer a fronteira entre certas áreas, porque em determinados momentos era ainda frágil a própria identidade do campo estudado, sobretudo nas áreas de aplicação da Linguística.

Há uma distinção entre os primeiros trabalhos sobre aspectos psicológicos da linguagem e estudos mais recentes sobre aquisição e desenvolvimento: muitos estudos psicolinguísticos iniciais eram muito devedores da Psicologia Cognitiva inspirada em Piaget, em que a aquisição e o desenvolvimento da linguagem são articulados com a aquisição e o desenvolvimento de várias capacidades cognitivas e estas com os estímulos do ambiente exterior. À medida que se vai fortalecendo em Portugal a visão da Teoria de Princípios e Parâmetros, desenvolvida por Chomsky nos anos 80 do século XX, de que a competência linguística consiste no funcionamento de uma gramática interiorizada que interage, de forma modular, com outras faculdades que estão envolvidas na linguagem e à medida que as diferenças entre línguas passam a ser em grande parte vistas como o resultado do estabelecimento de valores diferentes de parâmetros, então a produção de estudos sobre aquisição e desenvolvimento ganha novo fôlego.

Por outro lado, há vinte e cinco anos certas áreas estavam no seu começo em Portugal: é o que acontece com o estudo sobre perturbações da linguagem, aquilo que hoje podemos intitular a Linguística Clínica.

É também muito interessante ler os primeiros trabalhos em que se relaciona a linguagem com os computadores; são trabalhos sobre correctores ortográficos, que foram e continuam a ser muito importantes. Mas à medida que vamos avançando no tempo, vamos assistindo à emergência de um campo novo, o da Linguística Computacional, com todas as possibilidades que o acesso à internet e a grandes *corpora* informatizados trouxeram para a investigação. Assim, distingue-se uma primeira fase de estudos sobre dicionários (33 textos), no quadro de perspectivas lexicográficas mais tradicionais, dos últimos desenvolvimentos em Linguística Computacional.

Nos trabalhos sobre o Léxico, são também visíveis duas fases, uma mais descritiva, mais isolada (36 textos), outra, a partir dos meados dos anos 90, em que os avanços mostram claramente o uso de ferramentas informáticas, que permitem estudar de outro modo grandes *corpora*, terminologias e o Léxico (9 textos).

Como é bem visível pelo quadro, as áreas que ocupam as primeiras posições nos trabalhos apresentados na APL são as áreas descritivas, assumindo menor peso as várias aplicações da Linguística. De qualquer modo, não têm deixado de estar presentes trabalhos aplicados, num sentido duplo do termo “aplicação”: por um lado, a direcção de um saber eminentemente fundamental ou teórico para actividades mais práticas e de natureza técnica, que é o que acontece quando usamos o saber linguístico em actividades como a detecção e o tratamento das patologias da fala, a definição de políticas linguísticas, a Linguística Computacional aplicada ao tratamento de *corpora*, a prática da tradução, a consultadoria linguística, a edição e a revisão de textos, a Linguística Forense, etc..

Por outro lado, no sentido mais amplo de “aplicabilidade”, para usar uma expressão de Fernanda Irene Fonseca (2001), em que podemos situar o trabalho de produção, para um público alargado, não especializado, de materiais, como sejam alguns tipos de gramáticas, de terminologias e de dicionários, e principalmente a formação de professores de línguas. Nos Encontros da APL este último tipo de trabalhos não ocupa um grande espaço, embora a reflexão sobre o ensino / aprendizagem da Língua Materna, quer na dimensão da análise do contexto escolar, da formação de professores, da produção de materiais pedagógicos e de terminologias, quer no que diz respeito à aquisição e processamento da leitura e da escrita, se encontrem presentes (18 e 14 textos, respectivamente).

Em síntese, o estudo realizado sobre a produção em vinte e quatro encontros nacionais da APL permite extrair algumas conclusões:

- (i) embora dominem as áreas descritivas da Linguística, não deixam de estar presentes várias áreas aplicadas;
- (ii) há uma clara pluralidade de saberes e uma abertura crescente à interdisciplinaridade;
- (iii) não só é possível assistir ao desenvolvimento e amadurecimento teórico em várias áreas centrais da Linguística, como é possível acompanhar o surgimento de campos novos, como a Linguística Computacional ou a Linguística Clínica;
- (iv) uma certa dificuldade na determinação de fronteiras revela, afinal, a grande complexidade da linguagem humana e as múltiplas interfaces entre as áreas da Linguística e da Gramática, assim como as complexas relações entre o linguístico, o psicológico, o neurológico, o social, o cultural.

Referências

- Brito, A.M. (1999) *Os Estudos de Sintaxe Generativa em Portugal nos Últimos Trinta Anos*, Braga, Associação Portuguesa de Linguística.
- Chomsky, N. (1981) *Lectures on Government and Binding*, Dordrecht: Foris Publications.
- Estatutos da Associação Portuguesa de Linguística*, disponíveis em <http://www.apl.org.pt/estatutos.html>
- Fonseca, F.I. (2001) Linguística aplicada ou Linguística aplicável? in Fonseca, F.I., Duarte, I. M. & Figueiredo, O. (2001) *A Linguística na Formação do Professor de Português*, Porto: CLUP, FLUP, pp. 15-26.
- Mateus, M. H. (1984) Texto de abertura do Encontro. In *Actas do 1º Encontro de Linguistas Portugueses*, Lisboa, 1984, pp. 1-4.
- Mateus, M. H. & Villalva, A. (2006) *O Essencial sobre Linguística*, Coleção O Essencial, Lisboa: Caminho.

Anexo

Conferências

- Dominique Maingueneau – *L'unité du champ de la Linguistique*, Lisboa, 1987
- Ramon Lorenzo – *Algumas considerações sobre a evolução do vocalismo em Galego e Português*, Lisboa 1992
- James Higginbotham – *On the uses of Events in Linguistic Semantics*, Lisboa, 1995
- José Mattoso – *Perguntas dos historiadores aos Linguistas*, Braga, 1996
- Herman Parrett – *Pour une pragmatique intégrale de l'interaction communicative*, Faro 1999
- Juan Uriagereka – *Linguistic variation and the new world order*, Faro 1999
- Carlos Lomas – *Teorías del lenguaje, competencia comunicativa y enseñanza de la lengua: luces y sombras de la educación lingüística em España*. Coimbra 2000
- Ivo Castro – *O linguista e a fixação da norma*, Lisboa 2002
- Yonne Leite – *As várias faces da pesquisa com línguas indígenas brasileiras*, Lisboa, 2003
- Inês Duarte – *O problema da unificação em Linguística: a resposta generativista*, Lisboa 2003
- Isabel Hub Faria – *Da linguagem humana ao processamento humano da linguagem*, Lisboa 2004
- João Costa – *Teoria sintáctica e aquisição da língua portuguesa: o que temos aprendido?* Coimbra, 2006
- Perpétua Gonçalves – *Pesquisa sobre a génese das variedades não nativas de línguas coloniais e instrumentos de análise: uma aliança fertilizadora*, Coimbra 2006
- José Morais – *Representações fonológicas na aprendizagem da leitura e na leitura competente*, Braga, 2008
- Fátima Oliveira – *Alguns caminhos da Semântica*, Braga, 2008.

Mesas-Redondas

- Ensino da Linguística na Universidade*, Lisboa 1985
- Mudam-se os tempos e a ortografia*, Lisboa 1986
- Formação de Professores. A Linguística no Ensino*, Lisboa 1986
- Modelos mentais e produção verbal*, Lisboa 1987
- A escrita no percurso escolar*, Lisboa 1987
- A tradução*, Lisboa 1987
- Corpora linguísticos*, Lisboa 1995
- Dicionários*, Lisboa 1995
- Gramática*, Lisboa 1995
- Homenagem a José Azevedo Ferreira*, Braga 1996
- A antiga documentação em português*, Lisboa 2003

O Português em África, Lisboa 2004

Norma, variação e desvio na Gramática do Português Contemporâneo, Lisboa 2004

In Memoriam Henriqueta Costa Campos, Porto 2005

O Bilinguismo: uma abordagem plural, Porto, 2005.

Para uma Política da Língua